

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

## DIRECTOR E PROPRIETARIO

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**  
Rua de S. Crispim, 18 a 28 — PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e comunicados. . . . . 50 » »  
Repetições . . . . . 25 » »  
Anuncios permanentes, contracto especial  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## AS CHEFIAS

### II

No governo e fóra do governo em que consiste e consistiu a direcção suprema dos partidos?

Em nomear e demittir as auctoridades, em desfazer resistencias com despachos, em ameaçar e perseguir, e em obter adhesões com promessas? Isto não é direcção, é a corrupção, a simonia politica, eiva de todas as chefias.

Se os centros politicos não quizerem ser apenas agencias de votos, mas uma entidade com valor e acção propria, devem considerar como dissolvente qualquer subordinação *systematica* aos chefes, cujas funções são hoje sobretudo conciliadoras, e tendentes a sustentar a unidade das idéas partidarias e a que lhes correspondam os actos governativos, de modo que estes não illudam a opinião que se formou nos centros, ou que estes approvaram e esperam que seja attendida.

Como é que se accusa um governo de não respeitar a opinião, se não se admite que seja possível formar-se uma qualquer, uniforme, razoavel e cheia de bom senso, ao menos na esfera de cada partido, e sómente sujeita á discussão dos outros? Como se exige que um governo a respeito?

Mas exigil-o e estabelecer a par d'esse aphorismo que os centros politicos, onde a opinião se apura e se torna mais legitima, devem reconhecer a proeminencia d'um chefe ou chefes, a que todos submettam, d'esses que dirigem ou hão de dirigir o Estado, é querer pelo contrario que a opinião se curve aos governos, se regule pela sua vontade. Absurdo manifesto.

Pois só quando se trata de derubar um ministerio é que se reconhece a auctoridade da opinião livre, só então não precisa da sancção dos chefes?

A opinião em primeiro lugar é mister que se produza, que seja reflectida e consciente; e sem um órgão que a faça valer, nada pôde: é como se não existisse—e esse órgão é o centro.

Devemos crer que os governos tenham a bondade de se demittirem, quando ella lhes é adversa?

Todos sabem que muitas vezes, aquellos que mais se pronunciam contra um governo, no seu conceito, vão, nos seus actos, em virtude das dependencias creadas entre elles, os chefes ou seus agentes, prestar-lhe um apoio real e vice-versa.

Portanto é preciso que a opinião tome corpo n'uma grande parte do paiz. E não a invoquemos sem que se ache constituida, sem que tenha órgãos que a façam valer e tornem independente, sem que possa de per si sustentar ou abater um governo.

E' a subordinação aos chefes a causa da indifferença politica; os que se envorgonham de tomar parte n'essa troca de votos e despachos, e de acceitarem essas chefias ou antes dictaduras, que não tem direito algum a impôr, retrahem-se. O systema de governo ou a organização de um artido que não dá largas á ini-

ciativa *individual*, onde esta não acha o meio de vingar uma idéa justa, enerva, comprime, produz a immobildade e a indifferença—tudo afinal recahe sob a influencia pessoal.

A subordinação jámais produziu a unidade.

Os chefes pagam bem caro o seu orgulhoso predomínio.

Não podemos governar sem satisfazerem a mil exigencias, a unidade não é outra cousa mais que uma ligação interessada: as maiorias parlamentares em parte são escravas, em parte o seu apoio incerto, arbitrario, caprichoso; a cada momento o amigo se faz adversario. Isto que é senão anarchia?

Chefe é o melhor conselho.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

## O BREVE

### DOMINUS AC REDEMPTOR

#### III

#### O crime de João Chatel

#### I

Julguei-me quite de refutar a defeza dos jesuitas, onde em nome de Rivaux se continua a dar falsas côres aos factos mais sabidos e averiguados.

Mas cahiu-me a vista sobre o ultimo artigo, que falla de Henrique IV e de João Chatel, e pareceu-me conveniente rebatel-o para mostrar, quanto s'empenham com aquelle ultramontano em escurecer a verdade.

Aos reaccionarios nada importa a verdade, principalmente na historia; o que lhes importa é illudirem em tudo esse vasto mundo, de quem exploram as crenças.

Contestar um facto não é contal-o de novo ao geito de uma idéa preconcebida—mas destruir com boas razões, ou todas, ou as principaes circumstancias, com que um adversario novo descreve—e tal não faz o artigo, a que me refiro, onde leio:

«E' certo, que os jesuitas foram expulsos de França em 1595, e o que deu causa a esta expulsão foi a tentativa d'assassinato na pessoa de Henrique IV por João Chatel, filho de um negociante de Paris, que tinha feito os seus estudos sob a direcção do P. Guevet. Como era de prever, os jesuitas não evitaram o serem implicados como cúmplices n'este attentado, não obstante Chatel negar formalmente, que o seu mestre e os jesuitas lhe tivessem aconselhado a assassinar o rei e até mesmo afirmar, que elles ignoravam a sua intenção. Henrique IV não acreditou em semelhante calumnia, e apesar da opposição do parlamento e dos huguenotes, chamou os de novo para a França, não cessou de os proteger, e até levou o seu affecto por elles a ponto de lhes legar o seu coração. (Beraut, Rohbacher, citados por Rivaux, «tomo 3.º».)

Esta versão do crime de João Chatel esconde as circumstancias de mais valor para a questão so-

bre os jesuitas—porque são essas as que provam aquillo mesmo de que Rivaux e o seu traductor pretendem allivial-os—e no mesmo intento acrescenta outras ridiculas e grosseiramente inventadas.

Na parte, em que é verdadeira, nunca ninguem a alterou desde Henrique IV até agora.

O que ahi ha de verdade, é—que não foram os jesuitas, ou antes não se averiguou do processo, que fossem, os directos instigadores do crime.

O que se esconde, é—que, se não foram os mandantes, provocaram indirectamente o assassinato do rei pelas suas doutrinas, pelo desaffogado ensino do regicidio nas suas escholas, como acto permitido, quando o monarcha é um herege, ou um tyrano, por não ser approvado pelo papa. Era o que abertamente ensinavam no collegio de Clermont, onde as aprendera—e se tanto possuiu d'ellas, que foram os unicos motivos do seu crime.

#### II

Mas antes fossem os mandantes do que os indirectos provocadores pelas suas doutrinas e pelo ensino nas suas escholas.

No primeiro caso tinhamos um acto destacado de um ou mais jesuitas individualmente responsaveis. No segundo entre o crime de João Chatel e a Ordem ha uma ligação moral, que a torna solidaria em todos os actos da mesma especie, então commettidos, ou que vieram a commetter-se.

E' isto o que se esconde.

Durante a guerra civil chamada—a Liga—que pouco antes terminou, os jesuitas, os outros frades, e o clero secular, até nos pulpitos, incitavam as massas fanaticadas á matança dos huguenotes. Foi á frente d'estes, que Henrique IV, accudindo a Henrique III, combateu e venceu os papistas. Depois da morte do segundo, assassinado pelo frade Jacques Clément proseguiu na lucta, derrotou os exercitos com que o papa Gregorio XIV e Filipe II invadiram a França, e entrando no gremio catholico harmonisou os dois partidos; os seus adversarios reconheceram-n'o, mas sempre o olharam com desconfiança.

Aquellas maximas dos jesuitas; e não só d'ellos, espalhadas geralmente, determinaram muitas tentativas eguaes contra Henrique IV, que não escapou da ultima; Ravallac, que tinha sido noviço dos frades Bernardos, o apunhalou n'uma rua de Paris, e dentro do seu coche, em 1610.

#### III

Esta frase—«Henrique IV nunca acreditou n'essa calumnia»—é toda fóra de proposito.

Do processo não se apura, que os jesuitas fossem autores ou cúmplices, e se no começo houve suspeitas ningham depois como taes os accusa—apurou-se todavia, que as suas doutrinas induziram João Chatel ao assassinio do rei; eis o motivo, porque foram expulsos.

O jesuita Guignard, bibliothecario em Clermont, subiu ao patibulo em virtude de um manuscrito encontrado entre os seus papeis, onde exortava a que matas-

sem o *bearnez*, nome, porque então se dava a Henrique IV.

E apesar d'isso nem Guignard foi considerado cúmplice—como se vê da sentença, que os condemnou «como perturbadores do socego publico, inimigos do rei, e corruptores da mocidade,» e não como directos participantes do crime.

O rei confirmou a sentença, o que prova não os julgar tão boas creaturas, nem que lhe eram tão queridos, como hypocritamente Rivaux, e quem o cita, estão affirmando.

O rei, grande character, franco, nobre, e serio, não podia estimal-os, e se fossem de todo innocentes, e devesse estimal-os, não sancionava aquelle julgamento.

Passados dez annos não os chamou, cedeu aos seus rogos permitindo, que voltassem, e a razão, porque cedeu, as *Memoarias de Sully*, a fazem saber, e desmentem a ridicula patranha do affecto de Henrique IV aos jesuitas.

#### IV

«Como era de prever—vae di-zendo o artigo a que respondo— não evitaram o serem implicados como cúmplices não obstante Chatel negar formalmente, que o seu mestre e os jesuitas o tivessem aconselhado e até mesmo afirmar, que ignoravam a sua intenção.»

Aqui a futil defeza calumnia. Quer persuadir, que os jesuitas não foram expulsos por qualquer justo motivo, mas que os inimigos da religião, que para elle são os inimigos da fé romana, os envolveram no crime, de que se trata, como um pretexto de os expellirem.

E' falso—1.º como já vimos—não foram envolvidos: 2.º, o parlamento, que os condemnou, era todo catholico e papista.

Quando Henrique IV sitiou Paris, dentro o parlamento jurava nas mãos do legado do papa, «que o não reconhecia como soberano, nem o receberia.»

A calumnia está desfeita, e prejudicado o fim do artigo.

Ahi se vê tambem o preconceito, a falta d'exame, e d'escrupulo nas suas affirmativas.

Demais foram as declarações do assassino, que levaram a policia ao collegio de Clermont.

#### V

No primeiro interrogatorio declarou, que tentara o regicidio crendo ser um acto meritorio, porque o rei ainda não reconciliado com a egreja, não era mais do que um tyranno, julgava assim expiar os seus peccados.

Perguntando-se-lhe, onde estudara, respondeu—que no collegio dos jesuitas em Clermont.

Ahi o fecharam muitas vezes na salla das *Meditações*, em cujas paredes estava representando o inferno com figuras horrendas, e d'onde os noviços de espirito fraco sahiam como em delirio.

(Dicc. Hist. Artigo Chatel. O dicc. foi revisto em 1810 por o abbe Saint-Léger.)

Repare-se bem nas estreitas relações entre os motivos do crime e as doutrinas jesuiticas.

Henrique IV escreveu um jor-

nal da sua vida, e no tomo 2.º, pag. 145 «diz, que João Chatel, inquirido sobre quem o persuadira ao crime, respondeu, que em muitas partes ouvira, que era permitido matar o rei, e o mesmo ouvira aos jesuitas de Clermont.

O presidente, do Thou, no tomo 5.º da sua Historia, livro 49, paginas 93, (edição de Francfort), diz de Chatel:

«Tum scepe in illa in qua fuerat educatus schola audivisse, dicere regem occidere, quippe tyrannum, neque a pontifice approbatum: eam ratam certam que in eius patres sententiam esse.»

«Muitas vezes ouvira na eschola, em que foi educado, que era licito matar o rei, quando tyranno, não approvado pelo pontifice, opinião julgada certa entre aquelles padres.»

Claro está, que depois d'essas declarações era de rigor averiguar se os jesuitas de Clermont eram ou não cúmplices.

#### VI

O parlamento euviou lá dois commissarios, que encontraram n'um manuscrito do padre Guignard a seguinte passagem em estylo proprio dos fanaticos bos-saes, que deviam lel-o.

«Henrique III é um Sardanapalo, o Bearnez uma raposa, o rei da Suecia um griffo, o eleitor de Saxe um porco—Jacques Clément praticou um acto heroico, inspitado pelo Espirito Santo. Se não podem guerrear a Bearnez, matem-n'o.» (Dicc. Hist. art Guignard.)

O jesuita allegou ter escripto antes da entrega de Paris e da amnistia, era justo allivial-o da pena capital—mas obsteu, e não devia obstar ainda assim a necessidade de um exemplo.

Os papistas conspiraram muitas vezes contra esse grande homem, o maior que teve a França. Pelo tempo em que abjurava em Saint-Denis, Pedro Barrière, esculpulisando por isso, não se prestou ao crime mas os seus escrupulos foram dissipados por Aubry, parcho de Saint-André des Arcs, chefe da liga—e por Varade, reitor do collegio dos jesuitas—este asylou-se em casa do legado do papa.

Depois um cartucho, depois dois dominicos, de Flandres, seguiu-se um capucho de Milão, um vigario de Saint Nicolas des Champs, um estufador, João Chatel, e por ultimo Ravallac, os quaes todos foram justicados.

#### VII

Henrique IV readmittiu-os por medo—e não por affecto.

Ao veneravel duque de Sully, que o dissuadia d'esse erro, respondeu:

«Por necessidade convem agora ou acceital-os e pol-os á prova das suas boas promessas e juramentos, ou regeital-os mais do que nunca, de modo que não se approximem de mim, nem dos meus estados—e assim os lanço no desespero, e nas tenções de attentarem contra a minha vida, o que a tornaria miseravel pela desconfiança de morrer envenenado—esta gente pelas suas correspondencias em toda a par-



cte é de tra em dispôr dos espiri-  
tos como lhe appraz, e valer-  
me-hia mais estar já morto».  
(Memorias de Sully—tomo 5.<sup>o</sup>  
páginas 113.)

Que apreço! que affecto!  
O seu coração devia deixal-o  
a esses amigos!  
Oh! impudencia dos reaccionarios!

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## Porque treme a terra Italiana

PALYRAS DE UM GEOLOGO

### A juventude da terra e os abalos

Mr. Glaugeau, professor de geologia da Faculdade de Sciencias de Clefant-Ferraud, explica da maneira seguinte a instabilidade do solo na Sicilia e na Calabria.

Tive occasião de examinar os caracteres essenciaes da constituição geologica de uma parte de Italia, principalmente na Sicilia e Calabria, e são essas observações que permitem indicar os meios de attenuar os effeitos destructores sismicos.

Estudos feitos por numerosos sabios concluem que a quasi totalidade da Italia, notavelmente a região atacada, são terras muito novas, as *mais novas da Europa*. São também as mais atacadas pelos tremores de terra. Esta relação não é fortuita. Ha algumas centenas de milhares de annos (o que é uma cifra minima comparada com a duração das epochas geologicas), o territorio francez já era tão extenso como agora, ao passo que o territorio italiano estava apenas esboçado.

A península era apenas o eixo dorsalapenino desde Genova aos arredores de Roma; o mar estendia-se pelos Basilicatos e Campamá. A Sicilia e a Calabria eram apenas pedaços montanhosos. Todo o territorio situado fóra d'estes macissos estava debaixo de agua e pouco a pouco se foi dando a evaporação, depositando-se gesso, sal e enxofre em tal quantidade que a Sicilia tornou-se o centro productor d'esta materia, mais consideravel do mundo, empregando-se na sua exploração 38.000 operarios.

Na Sicilia snrgiu então um grande macisso vulcanico igual ao Etna que hoje forma ao sul da Catan a os montes Ibleis. Pouco a pouco o territorio continental cresceu pela emersão dos rios que o rodeavam. Os movimentos do solo foram tão consideraveis que os ultimos depositos maritimos que precederam a chegada do homem á terra foram sobrelevados a 1000 metros de altitude no centro da ilha e na Calabria. Isto não são hypotheses, mas factos precisos (determinados pelos fósseis) que permitem reconstruir todas as phases evolutivas d'este paiz.

Em parte alguma da Europa se constata movimentos recentes tão importantes como na Sicilia e na Calabria, em parte alguma existe um terreno tão novo e tão deslocado. Foi n'uma serra d'este paiz que se ergueu pouco a pouco o Etna, o maior vulcão da Europa. Os tremores de terra que tem havido não são mais do que a continuação dos movimentos anteriores, affectando uma região que não acabou a sua evolução organica.

A maior parte dos terrenos que formam estas regiões fóra das zonas montanhosas são constituídos sedimentos pouco adherentes: areias e calcareos, que se deslocam e se deslocam sob a influencia de multiplas vicissitudes a que são submettidas. Pode dizer-se que estas regiões estão ainda em via de creação. No começo da era actual a Sicilia e a Calabria estavam ligadas, e o estreito de Messina não existia. Um desmoronamento gelou-o. Consta-

ta-se também que todo o territorio existente entre Catanea, Messina e Cosenza, nasceu de innumeras deslocções que o tem transformado, assim como toda a parte continental do estreito, n'um verdadeiro terreno de embutido, cujos elementos mal seguros estão uns para os outros sob a influencia do resfriamento terrestre que leva á contracção das camadas profundas e ao amontoamento dos compartimentos superficiaes.

São monumentos de diversas abobodas terrestres ou submarinas, avisinhando-se d'esta grande deslocção que provocam os desastres que ali tem havido desde ha dois mil annos e transforma uma terra tão bella n'um periodo de calma, n'uma terra de ruinas e de horrores nos periodos dos cataclismos. Basta a descida de alguns decimetros e algumas vezes mesmo de alguns milimetros d'essas abobodas, descida que se faz frequentemente ondulado como as vagas para a destruição de didades inteiras e para gerar as ondas analogas aquellas que se viram em 1783 em 1908 em Messina e Reggio. Um simples estremecimento da superficie produz também abalos notaveis.

Existem também ao longo dos Apeninos zonas perigosas. Os ultimos terremotos na vertente sul dos Alpes, foram devidos a importantes deslocções. Os de Veneza e Milão são devidos á mesma causa porque a planicie de Pó coberta de uma camada de sedimentos é um lugar de desmoronamentos. Um primeiro ponto se estabelece: a existencia de zonas na superficie terrestre, particularmente perigosas, como a de Catania, Messina, Reggio, Catanzara, Cosenza e cousa alguma fará que não o sejam eternamente!

## OS NOSSOS DIPLOMATAS

(Do Mundo)

«Quaes foram os titulos do sr. marquez de Soveral e do sr. conde de Sousa Rosa á alta representação que exercem?

E' certo que aproveitando o periodo de estúpôr e de marasmo que se seguiu ao malogro da revolta do Porto, conseguiram os agentes da doutrina da consolidação do poder real fabricar a esses seus representantes no estrangeiro uma reputação que chegou a ter fóros de caso julgado. Bastou, porém, que a nação passasse a intervir na fiscalização dos seus destinos e a tomar o pulso aos seus servidores; bastou, sobretudo, que principiásse a *precisar dos seus serviços* para que essa reputação, como todas as cousas artificialmente criadas e artificialmente mantidas, se esvasse como fumo. De todos os talentos e merecimentos attribuidos ao sr. marquez de Soveral e ao sr. conde de Sousa Rosa ficou apenas a certeza de que ambos se vestiam admiravelmente e conheciam de cór todos os preceitos do protocolo. Em compensação, apurou o paiz, quer na legação de Londres quer na de Paris, que pessoas menos habeis para entender e defender os seus interesses não os havia decerto em Portugal. A incompetencia mais notoria associa o sr. conde de Sousa Rosa a pécha, bem deploravel, de só conviver em Paris com os elementos mais hostis ao regimen junto do qual está acreditado. A sociedade que o sr. de Sousa Rosa frequenta é a dos inimigos da Republica. Toda a gente o sabe. O proprio governo francez o não oculta. Favorito da clericalha nacionalista, o sr. de Sousa Rosa é *persona ingrattissima* ao governo francez.

Peor é o caso do sr. de Soveral, que da córte portugueza recebeu o titulo de marquez e da britanica o de *macaco azul*. Attribuem-lhe a *aliança inglesa*. Talilha

aliança não existe, mas, quando existisse, *basta conversar meia hora com o sr. marquez de Soveral para immediatamente excluir a possibilidade de qualquer aliança, tratado, convenio ou acôrdo de sua iniciativa*. A mediocridade do sr. marquez de Soveral é uma cousa patente aos olhos de qualquer homem culto dos nossos tempos. Mas o sr. de Soveral não é apenas um mediocre; é mais do que isso porque é uma pessoa extremamente nociva. Elle foi o braço direito da *dictadura* no estrangeiro e a sua actividade em desmentir todas as noticias hostis ao franquismo contrasta singularmente com a sua inercia em deixar circular todos os boatos terroristas hostis ao credito publico e consequentemente, favoraveis á *burnaysia*. Cobertos pelo *Portugal* e pelo *Jornal do Commercio*, pela *nunciatura* e pela *burnaysia* os srs. de Soveral e de Sousa Rosa são inamoviveis. Tudo isto, é claro, depende da fidelidade do exercito á *hostia* e ao *guineu*. Mas como a *hostia* e o *guineu* declaram a quem os quer ouvir que *tem o exercito na mão* claro está que só a morte deslocará o sr. de Soveral da legação de Londres e o sr. de Sousa Rosa da legação de Paris. Résta apenas perguntar, a ser isto verdade, se antes de tão illustres varões não teria já morrido a nação?!

Tem razão o Mundo.

Acrescentemos.

Ha ainda na nossa diplomacia (é um modo de dizer, um Mathias de Carvalho, e um Tovar de Lemos. O 1.<sup>o</sup> doutor em Philosphia, onde se não mostrou *fura-paredes*, obteve ir a Paris estudar a liga dos metaes—esteve lá sette annos, veio recommendado ao duque de Loulé, que lhe deu uma candidatura fel-o *director* da Casa da Moeda—por ter remetido um Pendulo-Balístico com uma *descripção que pertencia a outro* instrumento conforme nos contou o sr. José de Saldanha, que lhe succedeu!—N'um ministerio, em que o duque achou collegas *atrás da sua pasta*, como elle disse, foi ministro da fazenda, não soube o que era *divida flutuante*, o Lobo d'Avila fez-lhe uma sabbatina, e o fanceiro ficou inteiramente mudo—com estes titulos passou a ser nosso representante no Brazil.—Nada se sabe da sua diplomacia.

O Tovar de Lemos é um inepto, em favor de quem o Ayres de Gouveia, outro ministro da justiça da mesma edição que o Mathias, levou o empregado que lavrava os diplomas, a mudar o nome d'outro concorrente para o d'aquella reconhecida vulgaridade; o Ayres de Gouveia, a quem no parlamento perguntaram então, *d'onde vinha?* respondeu que viera na *onda da providencia*, e na onda trouxe o Tovar de Lemos. A *onda* em vez de os trazer devia submergil-os.

## Amigos e patricios

T. e S. Thomé, 2.

Desejo do coração a todos os meus amigos e patricios um novo anno cheio de prosperidades.

Os antigos chaldeus, esse povo tão celebre pelos seus desmandos e pela sua sciencia, morreu, pretendendo ler nos astros os seus destinos. Hoje, o futuro avalia-se pelo que o homem é ao presente, e pelo grau de instrução d'um povo.

Um povo instruido não duvida qual seja o seu destino, procede com correção e probidade, e adquire a confiança e estima de todos. E assim passo a dizer-vos alguma coisa da instrução nesta ilha, desejando que todos amem essa estrella que brilha no ceo social e se deixem guiar por ella, para que o novo anno que principiou seja muito prospero para a nossa Patria muito amada.

Ha em cada freguezia desta

tendo como professor o respectivo missionario. Na cidade de S. Thomé ha mais uma escola principal, dirigida por um cavalheiro que não é padre, e mais duas escolas para meninas, uma na cidade e outra na freguezia da Trindade, dirigidas por senhoras. O que tem produzido de bem estas escolas? Já vol-o digo. Chegou, finalmente, a occasião, caros amigos e patriocios, de vos dizer alguma coisa dos missionarios, como vos prometti. O proceder, bom ou mau, de qualquer classe, pôde discutir-se, e por isso não ficará mal falar das causas principaes do atraso instructivo, em que se encontra o filho de S. Thomé: E' certo que, os que nos dirigem não têm encarado a serio a instrução, impulsor, quasi unico, para levantar um povo. Ha poucas escolas, e mal, muito mal instaladas. N'este ponto falo por experiencia propria. E' uma vergonha entrar numa escola e ver sentados no lagado as pobres creanças, por não haverem carteiras, onde se sentem e escrevam. A minha escola é frequentada actualmente por 116 alumnos. A favor da instrução tenho feito o que tenho podido, e sobre este ponto, não me pedirá contas nem Deus, nem a sociedade. No entanto, desculpa-me, porque nem isso devia dizer. Não fica bem a qualquer falar de si mesmo.

Mas, não é só o pequeno numero das escolas a causa do atraso instructivo d'este povo; nós os missionarios também não nos podemos subtrahir a certas faltas que bastante têm concorrido para esse atraso. O missionario que tem a seu cargo a escola recebe 165000 reis mensaes; e esta remuneração que para este meio é insignificante, serve de pretexto a muitos missionarios deixarem de cumprir esse dever tão patriótico, tão santo e tão nobre. Trocam a cadeira escolar pelo pulpito, quando é certo, que é na escola onde se formam os grandes homens, e os bons corações. Um sermão é muito util, mas a sua utilidade será muito maior, quando pregado na presença de pessoas instruidas.

Continuará sobre o mesmo assumpto.

P.<sup>o</sup> Brandão.

## NOTICIARIO

### TEMPO

Melhor seria não dizermos coisa alguma sobre *elle*, visto que nem todos gostam, nem também desgostam do *mesmo*, seja *elle* bom, seja mau.

Mas, porque entendemos, cá por coisas, que *elle* não corre á mercê dos nossos desejos, sempre diremos que tem sido assim.

Foi sempre regular até certa altura e depois... é o que vêem!...

### PESCA

Tem havido alguma. Mas de que qualidade?  
Robalos.

### O XUÃO

O summario do n.<sup>o</sup> 49 que hoje se publica é que é um dos melhores, é o seguinte:

1.<sup>a</sup> pagina: Um dever (a côres) Homenagem ao dr. Affonso Costa).

Pagina central: O Salto da féra (a côres) esplendido trabalho do eximio caricaturista Silva e Sousa.

Ult. pag. Os nossos amigos, (a côres). Summario explicativo das paginas de caricaturas (em verso). Chronica de E. de C. Animagrapho.

Isso sim (verso). O (Xuão) no tribunal. Ao Estevão (verso). Em

poucas palavras. Parabens á sorte (verso). Lyra dos maduros (verso). Ao (Xuão). Passes de peito. (O Xuão) em Coimbra. Ao menos valha-nos isso. Gazetilha. Theatradas, etc., etc.

Emfim um numero mais que vem honrar a magnifica colleção d'este interessante semanario.

## CONCURSOS

Foi auctorizado o concurso para provimento do lugar de amanuense da camara d'este concelho —E acha-se aberto o concurso para o lugar de thesoureiro da camara de Oliveira do Bairro.

### Concurso para construção de fabrica

Acceitam-se propostas, em carta fechada, até ao dia 10 do proximo mês de Fevereiro, para construção d'uma fabrica na costa de S. Jacintho, em Aveiro. O projecto e condições estão patentes no escriptorio, em Espinho, da fabrica de Brandão, Gomes & C.<sup>a</sup>

## Policia rural

O «Diario do Governo» publicou a seguinte portaria:

«Sendo preceito expresso do artigo 127.<sup>o</sup> do Codigo Administrativo, que as camaras municipais tenham os zeladores e possam ter os guardas campestres que forem indispensaveis para as necessidades policiaes dos respectivos concelhos;

Considerando quanto importa á regularidade dos serviços publicos, neste capitulo da administração local, o exacto cumprimento das disposições do citado artigo;

Considerando que aos agentes da policia municipal competem muitas e importantes funcções, cujo effcaz exercicio interessa também á ordem publica na fiscalização das posturas ou regulamentos concelhios a bem da segurança das pessoas e propriedades, da salubridade publica, do commercio e industria, nos termos do citado artigo.

Considerando que não é licito ás camaras municipais escusarem-se ao cumprimento do disposto n'aquelle artigo 127.<sup>o</sup>, nem ainda com a allegação de mingua de recursos, visto que a dotação dos referidos agentes pode ser reduzida a limites campativeis com as forças orçamentaes e até á parte somente do producto das multas que lhe competirem nos termos do § 1.<sup>o</sup> do mesmo artigo, como se advertiu no despacho de 15 de maio de 1900, publicado no Annuario da Direcção Geral da Administração Politica e Civil

Ha Sua Magestade El-Rei por bem determinar que os diversos governadores civis chamem a atenção das camaras municipais dos concelhos dos seus districtos para as sobreditas disposições, a fim de tomarem as deliberações legaes necessarias para o respectivo cumprimento, salvos os preceitos especiaes do artigo 178.<sup>o</sup> do citado codigo, informem ácerca da execução, que as mesmas disposições tenham obtido nas suas circumscripções administrativas e proponham quaesquer providencias regulamentares, ou ainda de caracter legislativo para serem apresentadas ao Parlamento, que tenham por mais adequadas á melhoria deste serviço municipal.

Paço, em 11 de janeiro de 1909.  
—Arthur Alberto de Campos Henriques».



**NECROLOGIA**

Falleceram:

O snr. Luiz Ferreira Corrêa Alves, filho do snr. José Alves Corrêa, irmão do nosso amigo Manuel Alves Corrêa e cunhado do também nosso amigo Manuel Gomes dos Santos Regueira, digno amanuense da administração d'este concelho.

—E o snr. Manuel Augusto Gonçalves de Pinho, sobrinho do snr. Francisco Ferreira de Pinho e primo do snr. Abel Augusto de Souza e Pinho, dignissimo secretario da Camara Municipal d'este concelho.

A's familias enlutadas, a expressão sincera das nossas sentidas condolencias.

**31 de Janeiro**

E' no proximo dia 31, que passa o anniversario da revolta militar no Porto, onde se commemora sentidamente esta data.

**AVALROAMENTO**

A poucas milhas do cabo Roza deu-se um sinistro maritimo que podia causar centenas de victimas.

Foi o caso que seguindo dois vapores rumo contrario, os quaes se chamavam «Trinidad» procedente de Aveler e seguia para Cartagena e o «Sambre» que vinha de Oran para a Antuerpia e Rotterdam, o primeiro avançava com grande velocidade sendo esta sentida pelo «Sambre» o qual fez signal para que mudasse de rumo, o que não perceberam.

Como nada sentissem o «Sambre» fez manobra para se retirar; mas como nada podesse fazer o «Trinidad» precipitou-se sobre aquelle, causando-lhe grandes avarias.

A tripulação foi salva pelo recobrador Berrio.

**GATUNICOS**

No domingo passado, cerca das 6 e meia horas da noite foi apanhado, pela esposa do sachristão da igreja matriz, d'esta villa, um rapaz, que alli se tinha escondido, afim de, pela noite fôra, conjuntamente com seus camaradas, a quem ficara de abrir uma das portas, roubar as caixas das esmolos e alguns objectos de valor, que encontrassem.

Foi entregue á autoridade administrativa, e esta organisou, logo, uma rusga, que, indo-se postar junto da igreja, apanhou, pelas 10 e meia horas da noite, mais um dos companheiros do gatuno, que antes houvera sido preso.

Na noite de terça feira foram também apanhados, na occasião em que tentavam roubar uma capellinha na Ponte-Nova, o celebre «Pombinho» que se havia evadido das cadeias da Feira, e um rapazito dos seus oito annos, que elle trazia na sua companhia.

Trata-se de averiguações.

A proposito recommenda-se ao povo de Ovar a conveniencia que ha em acabar com essa brincadeira dos tiros, de noite, porque pôde ocasionar algum ferimento, ou morte injusta. Ainda mesmo que os tiros sejam de *polvora secca*, não ha conveniencia n'elles.

Acabem com isso, por favor.

**FIBS**

Pêtas, falsidades ou «balélas»; mentiras ou «carapêões»; inventos ou «palões», e toda a longa sequencia de synonymos do calão e do idioma portuguez me servem neste momento para traduzir o euphemismo «fibs» da lingua ingleza.

Todos nós muito bem sabemos que uma pêta é mercadoria de livre importação em todos os paizes. Por emquanto nenhum systema fiscal taxa nas suas pautas este producto da maledicencia ou ingenuidade humana.

Uma pêta também se pôde definir com pompa scientifica, para gaudio e satisfação de algum sabio de meia tijela. Chamar-lhe-hemos um agente kinético, de velocidade ignorada; um X de revoluções por segundo, que ainda se não resolveu, para vergonha da mechanica e dos mathematicos. O phenomeno é tão vulgar como o da electricidade; e a sua transmissão através do espaço é regida pela theoria das ondas acusticas, que alargam quanto mais avançam.

Mas a pêta jornalística, cuja classificação scientifica não consigo encontrar no catalogo respectivo, produz efeitos assombrosos de choque, de força motriz, de calor, etc. á excepção do de luz. Que agente, imponderavel e indeterminavel! Até usado é na therapeutica das bolsas financeiras, diariamente, com optimos, palpaveis resultados.

Na minha experiencia—e tenho-o registado com todos os ff e rr em estatística particular—já observei pêtas que deram a volta ao mundo em menos de oitenta dias (muito menos)—batendo por dias, horas, minutos, segundos e infinitesimales fracções d'estes o record julesverniano...

Mas o que lhes queria dizer é que o que nós conhecemos por pêtas, conhecem os inglezes por «fibs».

Como a Inglaterra é paiz livre cambista, é um louvar a Deus a maneira como para cá exportam certos productos. As pêtas geralmente entram por via clandestina, sem a etiqueta do «Made in Fibrand», e os inglezes, que, honra lhes seja feita, são dotados de natureza boa fé e acolhem com candida hospitalidade todos os filhos das hervas, é claro que bastas vezes acceitam «fibs», como cousas authenticas. E quem não ha n'este valle de lagrimas que nunca fosse logrado, uma vês ao menos? Estou a ver o leitor a coçar na cabeça, e, n'uma fuga de pensamentos, recordar-se d'aquella ultima que lhe pregaram e lhe augmentou a secreção biliar.

Pois assim é. De ha muito que a imprensa ingleza se tem feito echo de puras invenções ácerca de cousas portuguezas. Cousas? Politica,—essa horrenda matrona publica, a mais leviana, a mais insensata, a mais profligada de todas as cousas femininas.

Nós, portuguezes, que vivemos longe da patria, esse torrão bem amado a quem o grande Atlantico lava continuamente as praias de ouro com beijos de espuma de prata; e a quem o solacenta com paternal carinho as rosas brancas dos jardins, as papoulas vermelhas das veigas verdejantes e os trigaes espigados que dão o pão de cada dia; nós embora longe da patria, temos a mais ao pé do coração.

E' um paradoxo que tem as suas amarguras ineditas.

Parece que o patriotismo augmenta na razão directa da distancia.

Eu não vou fazer o calculo dos graus que vão do meu coração ao meu Portugal a fim de determinar o «quantum» dynamico do meu patriotismo. O que elle não está é hypertrophiado pela conhecida eleutheromania, contagiosa nos tempos que vão correndo.

Examinando certos factos com a mesma liberdade de critica que se frue n'esta republica ingleza, como lhe chamou o sabido dr. Theophilo Braga, e onde se gerou o plasma da liberdade individual, tenho por força que bater a porta da botica dos curandeiros potiticos da minha terra e rogar-lhes que não manipulem mais papas.

Oh, Cynicos da velha Antenas! não vos revireis no esconso estreito dos vossos mausoleus, mas inspireis os bons portuguezes, que os ha de lei, com o vosso escarneio

**HORARIO CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA**

**ESPINHO A OLIVEIRA D'AZEMEIS**

ESTAÇÕES	Preço dos bilhetes			Comboio n. 1	Comboio n.º 3
	1.ª Cl.	2.ª Cl.	3.ª Cl.		
Espinho Praia	—	—	—	HORAS Partida 8,30 m.	HORAS Partida 5,00 t.
Espinho-Vouga	130	90	70	» 8,35 »	» 5,05 »
Oleiros	150	120	80	» 8,50 »	» 5,19 »
Paços de Brandão	200	160	120	» 8,58 »	» 5,26 »
S. João de Vêr.	300	240	170	» 9,11 »	» 5,38 »
Villa da Feira	390	310	230	» 9,31 »	» 5,54 »
Arrifana	490	370	270	» 9,41 »	» 6,04 »
S. João da Madeira	510	380	280	» 9,51 »	» 6,10 »
Cucujaes	580	450	320	» 10,04 »	» 6,21 »
Oliveira d'Azemeis	660	510	360	Chegd. 10,13 »	Chegd. 6,30 »

**OLIVEIRA D'AZEMEIS A ESPINHO**

ESTAÇÕES	Preço dos bilhetes			Comboio n.º 2	Comboio n.º 4
	1.ª Cl.	2.ª Cl.	3.ª Cl.		
Oliveira d'Azemeis	—	—	—	HORAS Partida 6,00 m.	HORAS Partida 1,30 t.
Cucujaes	130	90	70	» 6,11 »	» 1,43 »
S. João da Madeira	170	130	90	» 6,22 »	» 1,58 »
Arrifana	200	160	120	» 6,27 »	» 2,03 »
Villa da Feira	280	210	160	» 6,40 »	» 2,20 »
S. João de Vêr.	380	300	220	» 6,53 »	» 2,34 »
Paços de Brandão	490	370	270	» 7,05 »	» 2,47 »
Oleiros	550	410	300	» 7,12 »	» 2,55 »
Espinho-Vouga	660	510	360	» 7,26 »	» 3,09 »
Espinho-Praia	660	510	360	Chegd. 7,30 »	Chegd. 3,13 »

e o vosso desdem. Não merecem mais certos boticarios charlatães.

Porem, voltando ao nosso caminho, que estes carreiros são escabriosos, e para ser agradável á brandura constante dos nossos costumes e conforme ao caracter pacifico e paciente d'esta folha, darei de barato que a politica não é a causadora directa das «fibs». Mas se não é ella são as suas bellas obras, «C'est donc quel q'un des tiens».

O lobo da fabula papou o cordeirinho innocente por causa de um maroto de um carneirão avoengo.

E assim, está certo. Entretanto as «fibs», ou pêtas vêm e saem gordinhas que é um regalo, em optimas condições para procreação.

Que importa, porém, o que se passa, quando a maioria do bom povo viverá feliz e honesto com as suas batatas, o caldito verde e a brôa trigueira? A estes digo eu do fundo d'alma como um irmão ieigo em latim de sachristia:

«Pax vobiscum».

O demonio leve esta comedia das pêtas!

Não ha Stender que se faça ouvir dos actores. No emtanto, alguém por sua conta e risco, affixará aos telegrammas de varias vias este aviso:

«Beware of fibs, O! friends». Inglaterra

Ignotus.

**CONCURSO**

A Camara Municipal d'Ovar az publico que, nos te mos do § 1.º, artigo 9.º do Regulamento de 9 de Setembro de 1908, é aberto concurso n'este concelho para a adjudicação da venda de milho exotico, cuja importação foi auctorisada por decreto de 21 de Novembro do referido anno.

Os negociantes deverão apresentar as suas propostas á Camara, em carta fechada, até ao dia 27 do corrente, dia em que, pelas 11 horas da manha, serão abertas.

Essas propostas deverão indicar a commissão minima porque os proponentes se obrigam a faser a venda do dito cereal, sobre o preço porque se possa adquirir o mesmo posto em wagon nas estações do caminho de ferro do Porto.

Ovar, 20 de Janeiro de 1909.  
O Presidente da Camara.  
Joaquim Soares de Pinho

**Editos de 30 dias**

**1.ª Publicação**

Pelo juizo de Direito da Comarca de Ovar e cartorio do escrivão, Lopes, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados José Correia dos Santos e mulher Maria Rita Pereira, elle ausente em parte incerta da Provincia da Extremadura, e ella em parte incerta da cidade do Porto, Joaquim Correia dos Santos e mulher Rosa da Raia, ausentas em parte incerta da Provincia da Extremadura, e Manoel da Costa Novo, casado com Conceição de Jesus, ausente em parte incerta da cidade de Lisboa, para todos os termos, até final, do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu pai e sôgro Antonio José Correia dos Santos, casado, morador que foi na Travessa dos Campos, d'esta villa d'Ovar, e em que é cabeça do casal a viuva Maria Rosa de Jesus, d'ali, sem prejuizo do seu andamento, e sob pena de revelia.

Ovar, 26 de janeiro de 1909.

Verifiquei a exactidão,

O Juiz de Direito.

Ignacio Monteiro.

O escrivão substituto,

Amadeu Soares Lopes.

**Bicyclettes e machinas de costura**

Officina de concertos

Abel Guedes de Pinho, com officina de concertos em bicyclettes e machinas de costura, e com pessoal devidamente habilitado para os mesmos, encarrega-se de concertar qualquer bicyclette, ou machina, por preços relativamente modicos, sem duvida mais baratos do que em outra qualquer casa congénere.

LARGO DA PRAÇA

OVAR

**Editos de 30 dias**

**1.ª Publicação**

No Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando Manoel dos Santos Graça, casado com a interessada Anna Rodrigues Lopes, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico por obito de seu sogro Antonio Francisco Rodrigues, que foi morador no logar da Deveza, freguezia de Maceda, da comarca d'Ovar, em que é cabeça de casal a viuva Maria Lopes, do mesmo logar e freguezia; e sito sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 27 de Janeiro de 1909.

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

**LIÇÕES**

Lecciona-se francez e habilita-se para exame de instrução primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

**ADOBES**

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construções solidas. Vendê a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro

OVAR.

**AOS CAÇADORES**

Antonio da Cunha Farraia participa que tem á venda, no seu estabelecimento, na rua da Graça, nm enorme sortido de espingardas, recebidas directamente da Belgica, e seus accessorios

Ha também variedade em revolvers de diferentes auctores, taes como: *Smith, Bull-Dog e Papes*, pistolas, etc. etc. Preços muito modicos.

**3:500\$000**

Vende-se por esta quantia duas moradas de casas altas, novas, que rendem quantias superiores a 200\$000 reis, dando juro de 6 %.

Para informações dirigirem-se a **AUGUSTO PINHO**

Largo da Praça

**AZULEJOS**

Finos e de variadissimos gostos, da fabrica de Sacavem e de primeira qualidade a preços convencionaes.

Grande variedade em ouças.

Manoel Rodrigues Neves

Rua das Figueiras

OVAR



# ADEGA DO LUZIO

Acharão, decerto, pouco,  
Mas, não chamem TESTA D'UNTO,  
Nem TAPADO, nem BACOCO,  
Porque, por falta d'assumpto,  
Não vae mais, nem mesmo a sócco.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-  
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR**

# MERCEARIA PINHO & IRMÃO

- LARGO DA PRAÇA -

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outra, marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

# MONTEIRO & GONCALVES

# PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



## O GABÃO ELEGANTE

DE

## AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

## ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE  
RILEY

E outras marcas; todas as peças precisas para as mesmas. Concertam-se bycicletes

Preços sem compeçencia



Machinas de Costura das bem conhecidas e acreditadas marca „Opel”.

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «Opel» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher todas as exigências do freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não comprem, pois machinas de costura, sem verem as da marca «Opel». Dão-se todas as instruções e ensina-se o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 reis semanaes.

Ha á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas etc, etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos,

**ABEL GUEDES DE PINHO**

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48—OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO  
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

LA VILLE DE PARIS  
F. DELPORT, SUCCESSORS EN C.º

MARCA REGISTRADA  
PORTO

Rua Sá da Bandeira, 249

FABRICA DE COROAS  
e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro  
em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.  
Grande sortido  
de plantas para  
adorno. Flór de laranja,  
e todos os apresetos para flores.

Telegrammas:  
VILLE-PORTO

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho  
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte  
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.º